

LÖWY, Michel e SAYRE, Robert. *Romantismo e política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

Francisco Moraes Paz*

A recente publicação dos ensaios reunidos em *Romantismo e política – Figures de romantisme anti capitaliste e Utopie romantique et Révolution française* – remete-nos ao delicado e delicioso terreno do pensamento romântico oitocentista. Esta parceria de Sayre – pouco conhecido do leitor brasileiro – e Löwy, ultrapassa o terreno da arte e da literatura, para abranger o pensamento econômico e filosófico do período. Juntos, ainda retomam e/ou desenvolvem idéias já conhecidas dos leitores de Löwy, para quem o romantismo é tema constante, em especial ao tratar de Lukács e Benjamin¹.

Partindo das diferentes contradições do movimento, os autores observam que o romantismo desafia as análises científicas pela diversidade e contradições. Também, que sua base social é composta por diversos segmentos sociais, como aristocratas, pequenos burgueses, intelectuais e membros do clero. O pensamento romântico não comporta o liberalismo, positivismo, utilitarismo e outras tantas correntes fundadas na crença do progresso e na oposição ao passado pré-capitalista, pois fundamenta-se na crítica à sociedade burguesa e na recusa do presente. Negando a realidade prosaica, os românticos buscam a poesia, o reencantamento do mundo pela imaginação. O sentimento de *perda* face à modernidade – singularmente tratado por Benjamin² – estimula os sentimentos de exílio de si mesmo e de nostalgia do passado mitológico ou medieval. A busca das experiências perdidas leva à

* Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, mestre e doutorando em História – UFPR.

1 Lembremos *Redenção e utopia*; o judaísmo libertário na Europa Central (São Paulo: Companhia das Letras, 1989) e *Romantismo e messianismo* (São Paulo: Perspectiva; Ed. da Universidade de São Paulo, 1990).

2 Ver BENJAMIN, Walter. O narrador; considerações sobre as obras de Nicolai Leskov /e/ Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política*; ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-232.

poetização e estetização do presente, à admiração dos povos exóticos e à idealização do passado como forma de enfrentamento.

O romantismo é, sobretudo, uma reação às frustrações da Revolução Francesa. Como a liberdade dos povos não se realizara, restou ao homem o reencontro consigo mesmo e com a natureza para conquistar a liberdade individual. Desenvolve-se tanto na Inglaterra quanto na França – onde vemos o pensamento precursor de Rousseau e seu mito do *bon sauvage*. Porém, é na Alemanha que encontra seu terreno mais fértil. Precedido do *Sturm und Drang*, o romantismo substitui a ordem e a moral pelo caos criativo, promovendo a embriaguez da unidade, da consciência nacional. Herder, com seus conceitos de *Volksgeist* e *Nationalgeist*, é a fonte inspiradora.

Löwy e Sayre, ao definirem o romantismo como reação ao capitalismo e à sociedade burguesa, buscam uma tipologia (weberiana) para classificar os vários romantismos e aí situar intelectuais como Rousseau, Carlyle, Malthus, Michelet, Fourier, Proudhon, Marx, Lukács, Thompson e os filósofos frankfurtianos. Enfim, todos aqueles que experimentaram o sentimento de perda e desejaram um tempo pré ou pós-capitalista para o futuro.

Esta definição dos autores é retomada para enquadrar também os *utopistas românticos*, corrente política francesa formada por jacobinos e antijacobinos críticos do Terror e dos excessos dos *montagnards*, que politicamente moderados e socialmente radicais, defendem o uso coletivo das terras, o socialismo agrário. Referem-se a outros projetos políticos que, embora esquecidos, surgiram em meio à Revolução.

Fiéis à crítica marxista de oposição ao capitalismo, os autores de *Romantismo e política* apresentam-nos um mosaico das idéias oitocentistas. Novamente suscitam o problema da delimitação do romantismo, já levantado por Gerd Bornheim. Limites estreitos, reduzindo-o às manifestações literárias, empobrecem a questão. No extremo oposto, a identificação de manifestações românticas ao longo da história da civilização leva-nos ao seu encontro em todas as "esquinas da história". O romantismo, afirma Bornheim, corresponde a um movimento cultural situado num dado momento histórico e somente a partir desta condição podemos compreendê-lo³.

Segundo Löwy e Sayre, este momento seria o capitalismo, a sociedade burguesa. Fica-nos uma dúvida. Romantismo seria tudo isso (ou apenas isso)? Observadas as diferenças entre as correntes, estaríamos diante de uma linhagem de pensamento que vai de Carlyle a Marcuse? A busca das tradições

3 BORNHEIM, Gerd. Filosofia do romantismo. In: GUINSBURG, J. *O romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 75-111.

sociais pré-capitalistas, o olhar nostálgico do passado em oposição ao presente seria o suficiente para definir um pensamento como romântico? Lembremos que a busca da Idade de Ouro é recorrente. Os radicais ingleses do século XVII que o digam!